

6 GLOBO 26 ABR 1978 Brossard: ideais de 64 abandonados

O líder do MDB no Senado, Paulo Brossard, afirmou ontem, em um longo discurso, que o processo de escolha dos governadores representa "um soberano desrespeito aos Estados, transformados em capitâneas hereditárias, e um esbulho aos direitos do povo brasileiro, prenunciando um fim de ciclo".

Para o opositorista, "este é o fruto dos anos de arbítrio, progressivamente praticado, o resultado do abandono aos ideais de 64".

— O ritual adotado no processo — disse Brossard — com a ingênua alegria de uns e o la-crimar de outros, ilustra o nível a que chegou a degeneração institucional, 14 anos depois do Movimento de 64.

Na mais didática demonstração de que o pacote de abril não visou à democratização e liberalização maiores dos costumes políticos e à maior participação das comunidades nas decisões políticas partidárias e do Estado, como afirma a mensagem presidencial de 1 de março, os governadores não serão eleitos pelo povo e nem sequer escolhidos pelas convenções partidárias: eles foram, estão sendo e serão escolhidos exclusivamente pelo Planalto.

Paulo Brossard frisou que, enquanto em 1974 houve "um cerimonial, com a ida do então presidente da Arena, Senador Petrônio Portela, aos Estados, agora tudo se passou em Brasília e o papel das convenções será o de aprovar a escolha do Planalto e nada mais".

O líder do MDB disse que na entrevista polêmica à "Folha de São Paulo", o General João Baptista de Figueiredo declarou que escolheria os governadores, "mas parece que o General Geisel não gostou da desenhadura de seu sucessor e entendeu de não abrir mão desse poder, que, de resto, nenhuma lei lhe confere, ao contrário, lhe nega". E acrescentou:

— Nessa inqualificável cena pseudo-eleitoral, até o grande Estado de São Paulo se viu convertido em capitania e aguarda o seu donatário, a ser despachado da corte. Hoje, qual a diferença entre o Governador de São Paulo e o Go-

vernador do Piauí? O ideal do Planalto é tudo reduzir à uniformidade das estepes, e essa Atrofia dos Estados debilita antes de tudo a Nação. A Oposição deve perguntar: foi para isto que se fez o movimento de 64? O chefe civil da Revolução, o Senhor Magalhães Pinto, diz que não, e a oficialidade moça, pela voz do Tenente-Coronel Tarcísio Ferreira, também diz que não.

AUTOFAGIA

O líder opositorista afirmou que na atual sucessão "os nomes podem variar aqui ou ali, mas é incontestável o fenômeno da repetição, ou, em outras palavras, o fenômeno da esclerose política seguida da autofagia".

— O processo sucessório estadual — prosseguiu — desmente o ex-Presidente Castello Branco, que em 1965 dizia ter "a certeza de que a revolução não tem receio de eleições e as deseja firmemente", e é uma porta aberta ao caciquismo, que pelo voto não chegaria ao Poder. O Governo faz hoje, através de provimentos casuístas, o que a fraude fazia antes de 30, e foram exatamente o desrespeito à vontade popular, as oligarquias estaduais associadas à oligarquia federal, e a interferência de alguns presidentes na própria sucessão que levaram ao tumulto, carcomida e desacreditada, a República que se deu em chamar de República Velha.

Brossard sustentou que a dilatação do período presidencial, a nomeação de governadores e de um terço do Senado e a escolha do próprio sucessor na Presidência, feitas pelo atual Presidente da República, "seriam coisas inconcebíveis mesmo na República Velha e são agora praticadas com o mais absoluto desembaraço e naturalidade, com anúncios feitos pela televisão". Segundo ele, esse "artificialismo institucional crescente e a conseqüente retração da sociedade civil, com o abuso praticado às escancaras, consegue apenas desacreditar o que deveria merecer crédito e desmoralizar o que deveria ser sério".

AUTORITARISMO

— Toda a situação atual — disse a seguir o líder do MDB — mostra que o General Ernesto Geisel é a mais robusta encarnação do poder pessoal, em toda a história do País; em relação a ele, Pedro I, Washington Luís e Getúlio Vargas, em matéria de autoritarismo, não passariam de crianças em idade escolar. Isso pode ser percebido na própria mensagem presidencial ao Congresso, quando o Presidente afirma que as instituições democráticas devem ser "autênticas, condizentes com nossa realidade, e não artificiosas cópias colhidas alhures, para que, ao invés de apenas aparentes e falsas, como foram sempre as que tivemos ao longo da nossa história, sejam verdadeiras e atuantes". Colocar todas as instituições nacionais, em todos os tempos, como artificiosas, copiadas, aparentes e falsas, por Deus, é demais, e é simplesmente perturbador que essa terrível sentença tenha sido exarada por quem deve ser o primeiro magistrado da Nação. Entretanto, a despeito de toda essa onisciência imanente no Chefe do Governo, graça que poucas nações poderão contar, o Brasil que o General Figueiredo deve receber está repleto de inquietação e inconformidade, pois faz 14 anos que o Governo exige do povo sacrifícios cada vez maiores, em troca de um futuro feliz cada vez mais distante.

— Assim, continuou o Senador — quando 5.000 pessoas se reúnem para protestar contra a carestia, os ministros de Estado, que são banqueiros, moram em belas mansões e têm mordomia farta, ironizam, e beneficiam um ao outro, como no caso do Banco Econômico.

Outros indícios de inconformidade, segundo Brossard, podem ser percebidos "entre a classe trabalhadora, entre estudantes, agricultores e empregados, e mesmo no setor militar, como demonstra o caso do Tenente-Coronel Tarcísio Ferreira, sem falar nas vozes discordantes que começam a surgir no partido oficial, que parece ter feito voto



Ao final de seu discurso, Brossard foi abraçado por Magalhães

de obediência, com inesgotável vocação para aceitar".

DIALOGO

— Por maior que seja a boa vontade — enfatizou Brossard — não há como ocultar a dura realidade, a reclamar, mais do que em qualquer tempo, uma ampla e leal conversação política, que não pode ser confundida com cochichos. Sabam os poderosos: o presente vai empurrando a porta do futuro, e a Nação não se contenta mais com paliativos. O Governo, na sua malquerença, não sabe o quanto deve à Oposição, moderada e moderadora, e esta continua a perguntar, especialmente aos que ainda defendem honestamente a Revolução, se o pacote de abril corresponde aos ideais

de 64, e se, vencida a subversão, foi igualmente extirpada a corrupção.

Para o líder, "as coisas políticas contemporâneas não são exemplares, "e quando a elas os políticos se referem pelo seu nome verdadeiro correm o risco de ser alvo de contumélia de variado mau gosto".

— Mas não lhes damos importância, pelo fato mesmo de serem desimportantes, e para evitar que o acidental ocupe o lugar do essencial, conforme expedientes engendrados pela rabulice. Anda ontem, a Oposição advertia o Poder de que já é tarde, mas ainda é tempo para mudar, e agora volta a advertir, dizendo que já é tarde, mas talvez ainda seja tempo — concluiu o Senador Paulo Brossard.